

# ALBUM

Do *Excmo* litterario "Frei Miguelinho"

DIRECTOR  
J. Gothardo Netto

SECRETARIO  
Americo Lopes

GERENTE  
Hildebrando Barros

Anno I — Natal, 31 de Julho de 1902 — Num. 4

## PROSPECTO

O ALBUM será publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a \$3000 por trimestre, pagos adiantadamente.

REDACÇÃO E OFFICINAS:  
Rua Voluntarios da Patria n. 1

## ALBUM

### A IMPRENSA

*A imprensa é a santa e im-  
menza locomotiva do progres-  
so, que leva a humanidade  
para a terra de Chanaan, a  
terra futura onde não haverá  
em torno de nós senão irmãos,  
e por cima de nós, o céu.*

VICTOR HUGO.

A imprensa, em todas as epochas d' actividade humana, tem representado um tão grandioso papel, tem prestado um tão valioso concurso á causa humana, tem constituído uma tão intensa força propulsora que, podemos dizer, é hoje uma segunda vida dos povos: tão útil ao seu desenvolvimento como a vida animal á sua conservação. E' uma consequencia d'esta, sabemos; porém, tal é a transcendencia de seus phenomenos, tal a importancia de suas funcções que, se ella não existisse, fóra mister inventar ou então ficariamos condemnados a um letal rachitismo intellectual, tal como se nos mostra nos tempos anteriores ao seu apparecimento.

Não é, porém, esta outra vida menos espinhosa e menos difficilosa do que a vida puramente organica, não; os mais fracos succumbem á sobrevivencia dos mais fortes, e quando não se opere perfeitamente a *selecção natural* de Darwin como n'esta, pelo menos, factó identico se verifica na formação de novos e mais poderosos grupos no vastissimo campo de sua evolução.

Como esta tem seus escolhos, seus

horizontes sombrios, seus abysmos, e infelizmente temos visto desaparecerem nas voragens de um precipicio d'estes, espiritos de brilhante investidura e cheios de muita selva.

Porém esses factos, longe de depressimem a essencia dos conceitos que d'ella fazemos, pelo contrario, tendem á engrandecel-os e dão a imprensa uma superioridade absoluta sobre todas as manifestações da actividade humana.

Os que são arrastados por uma cega obstinação, os que confiam demasiadamente em suas faculdades intellectivas, os que se deixam accorrentar por preconceitos anti-liberaes, os que a ganancia converte em vis espevitadores de seus morrões, estes são os que se sepultam, ás vezes, nas tartareas profundezas dos abysmos que elles proprios cavaram, que elles proprios construíram, da mesma maneira que um architecto inhabil se sepultaria nas ruinas de um zimborio que elle quizesse elevar extraordinariamente sem ter previamente indagado se as bases e as columnas sobre que repouzava o permitiam.

Relativamente, uma bem resumida parte dos que vivem *intellectualmente*, tem conservado illesos os preconceitos da *sã moral*, da logica e da esthetica pregados pela grande mestra da civilização—a imprensa.

Os espiritos verdadeiramente philanthropicos, dotados de inclinações corporativas e electivas congenitas, são estes que não maculam a alvissima toalha da mesa em que commungam.

O que colloca ainda a imprensa em um plano superior a todos os productos do entendimento humano, é o servir de espelho ás nossas acções ou antes de cadinho, onde são depositadas todas as operações do homem moral e intellectual e, em seguidas, purificadas de tudo que é contrario á rectidão, á exactidão e a segurança: « as tres virtudes theologicas do bom sceno. »

PAULO DA SILVA  
(Hildebrando Barros)

### Vinte annos atrás...

No anno da graça de 1879 circulou n'esta capital um jornal litterario, chitoso e recreativo com a denominação d'*O Prisma*.

*O Prisma* tinha de formato uns 25 cent. de comp. por uns 19 de larg. com suas respectivas margens de trez ou quatro dedos e publicava-se trez vezes por mez.

Era impresso na typographia do *Correio do Natal* e assignava-se a dois mil reis por trimestre, pagos adiantadamente, já se vê.

Junte-se a isso, ainda uma boa impressão e teremos o valor extrinseco d'*O Prisma*.

Agora algumas palavras sobre o seu conteúdo.

O 1º numero d'*O Prisma*, que appareceu no dia 18 de Janeiro, em seu artigo programma mostra-se partidario dos grandes commettimentos, e bane de suas columnas o pyromaniaco que obseca os espiritos e, em summa despreza tudo quanto possa influir de um modo nocivo sobre a nobre e elevada causa que defende.

«Portanto, diz elle, apoie-se a ignorancia que bate supplices á porta da sciencia, esmolando luz e instrucção; e rasgue-se o seu longo e oneroso veu que se terá revelado um sentimento ingente e puro.»

E mais adiante: «A politica é a hydra que envenena os sentimentos mais puros, as idéas mais nobres, as crencas mais sinceras do socialismo.»

E continúa:

«Nada de politica... Nada portanto de questões religiosas.»

Pela firmeza com que são escriptos os seus pensamentos, pelo alevantamento de idéas n'elle expressadas e por um certo friso de gongorismo que em algumas de suas phrases transparece, julgamos não termos-nos enganado affirmando ser elle escripto por um de seus collaboradores cujas iniciaes W. S. apparecem na maior parte das poesias d'*O Prisma*.

Vae em continuação do artigo de apresentação uma poesia em redondilha maior de Francisco Herculano, terminando por versos endecasyllabas. Francisco Herculano que o leitor talvez o conhecesse ou conheça ainda, não é um desprotegido das *filhas de Helicon*; uma das estrophes de sua poesia, recitada na sessão magna da «Sociedade Phylotechnica,» para o leitor verificar:

— «A vós queridos consócios  
 «De quem também sou irmão  
 «A vós a quem eu dedico  
 «A minha humilde canção,  
 «Offereço em toscas phrasas  
 «Este pobre pensamento,  
 «Que como o echo do vento  
 «Vae morrer na solidão.

E termina assim :

«Eia portanto, mocidade, eia !  
 «Que após as lidas que o viajor conduz  
 «Virão mil anjos lhe dourar a vida,  
 «Vidõesenhadas n'um porvir de luz.

Após Francisco Herculano vem uma poesia em versos de arte maior em que patenteia-se não só a espontaneidade da rima como a... modestia do auctor, escolhendo as ultimas columnas d' *O Prisma* para encaixe de tão lambeira joia.

É muito conhecido o seu auctor, as suas aptidões literarias e por isso dispensamos-nos de lhe tecer os encollos preciosos.

«Eu via-a deitadum leito de nevoas,  
 «Qual anjo divino, tranquillo a dormir,  
 «Os sonhos beijavam-lhe a fronte se-  
 (rena,  
 «Os genios beijavam-lhe a bocca a sor-  
 (rir.

Nada mais é preciso dizer para que o leitor reconheça nestes versos a poesia—*Dormir*—de Segundo Wankley que n'aquelle tempo a modestia não lhe permitia assignar senão as iniciaes W. S.

*O Prisma* contem ainda um motto glorado e uma serie de charadas, cousas muito em voga n'aquelles tempos de bohemia livre. O espaço de que dispomos não nos permite fallar sobre os numerosos requintos d' *O Prisma*, o que faremos em breve, deixando bem manifestas as *extravagancias* de muitos de nossos actuaes penitentes da vida e que n'aquella epocha davam as suas *lhas pernadas*.

P. S.

## ALLELUIA

...I ara ella, só para ella !

Amanheceu chovendo e triste eu despertei.

Não sei que nostalgia immensa concebi durante as horas felizes do meu sonho.

Os passaros multicores tinham findado a *ouverture* divina d'alegria e somente as flores jubilosas cobertas do orvalho balouçavam-se garbosamente nos caules fransinos dos refeitivos.

Zig-zaguando em rapidos adejos as borboletas de varias cores segredavam as flores perfumosas sua ale-

## Album

gria... e a natureza chorava nos corações dos myosotis ternos...

— Absorto naquella doce contemplação, extasiado ante a sublimidade d'aquelle scenario mystico da natureza meu coração fendia o turquesado céu da phantasia e cantava além a alleluia das flores, enquanto minha alma semimorta entoava no meu peito a ressurreição do amor !

— Loureira ! dirão os decadentes da vida, Amor, entoarão em verso os corações juvenis !

\*\*

Hynverno ! oh tu que fazes ressuscitar n'alma a ultima esperança e que trazes do céu o branco véo das recordações felizes, salve !

\*\*

E a chuva cahindo nas campinas verdes, acompanhava como uma doce surdina de cítaras e bandolins a arvorada tardia das minhas illusões...

Para completar minha felicidade no pallio roseo de feliz transformação, ouvia além cantolando uma aria de s'udades—Clarisse a encantadora Venus, não surgida das espumas mornas do mar, porém da essencia sacrosanta do amor puro das almas ternas dos anjos. E a chuva parando, acclamava o rei dos Astros que erguendo-se da verde tribuna do horizonte, brindava n'um diluvio de raios d'ouro a a leluia sublime do Amor !

Natal—1902

ADOLFO MEBRAMART



## Impressionistas

II

### MINHA CAMPA

Quer-a entre moutas de rosaes; ao fun-  
 (do  
 Triste cruceiro exangue e supplicante,  
 Onde venha pousar o mocho errante  
 Lançando á noite a dor do moribundo.

E e stão na lousa, como um al profun-  
 A' luz crepuscular do céu distante, (do  
 Deixem cahir a lagrima estuante  
 Da loira virgem que adorei no mundo.

Quero-a em soturno e calmo isolamento  
 Onde, em noites de insomnia e de amar-  
 (gura,  
 Soluce e gema em contorsões o vento...

Junto, o cyproste um funeral cantando,  
 Naterra, um golvo--uma lembrança es-  
 (cura,  
 E um serafim de marniore chorando !

Claudio MARNE

## Trovas antigas

Fallemos dos nossos sonhos.  
 Das illusões prateadas,  
 Roseas chimeras douradas,  
 Formosas como o luar.  
 Quem será que nos risonhos  
 Dias da primeira idade,  
 No fulgor da mocidade,  
 Não faz castellos no ar ?

Quem não procura—cangado  
 De tudo que lhe rodela,  
 Das coisas vis de que é cheia  
 A triste vida real—  
 Voltar a vista ao sonhado  
 Templo azul da Phantasia,  
 A's regiões da Poesia,  
 A' onde mora o Ideal ?

Fallemos, pois, das aladas,  
 Coisas de amor o ternura,  
 Libemos a taça pura  
 Nessas horas venturosas...  
 Vamos de mãos enlaçadas  
 Por esses invios caminhos,  
 Que importase hoaver espinhos ?  
 Bem junto florescem rosas.

Façamos da vida um sonho...  
 De xemo que as nössas almas  
 Serenas, mansas, e calmas,  
 Vagueiem pela amplidão.  
 — Já em baixo o mundo é triste e ho  
 Fugamos para outra vida—  
 Para a Terra Promettida,  
 Para o puz da Illusão !...

ANNA NOGUEIRA BAPTISTA

## O PASTOR

Pela manhã de um dia de verão,  
 ainda o sol não resplandecia no Ori-  
 ente e já aquelle jovem pastor, des-  
 pertado pelo chilrear dos passarinhos,  
 começa o seu trabalho : tomando seu  
 cajado tange suas ovelhas por aquelles  
 caminhos frondosos de cedro.

A claridade não chega ao solo acamado de flores e folhas. Caminha o pastor, balem as ovelhas e os gallos saudam a manhã e, enfim, elle termina a sua jornada.

Bota as ovelhas á pastar e senta-se fatigado ao pé de uma arvore, contemplando assim a natureza, as arvores sem orden, as flores sem numero, as hervas sem conto, os montes cheios de verdura, as serras prateadas de neve, os valles cerrados de sombrios ramos, os rios bordados de louras arelas e brancos seixos, as fontes embuxadas em espessos arvoredos.

O luar magnifico resplandec mais alvo, mais lucido : vêm-se os lyrios nas moutas, vêm-se os ninhos nos ramos como a luz de um dia de opala : é a aurora, diz o pastor.

Começa á temtenabular e a balir e rebanho'

V. V.

Ao ler o "Album"

Oh! como è bella a Mocidade!  
Como è gentil a Primavera!  
Como è ditoso quem espera!  
Feliz quem nunca tem saudade!  
Eu vos saúdo, ó Mocidade,  
Vos admiro enthuasta;  
Sois como a aurora que me afasta  
D'uma sonbria escuridade.

Amais da vida a mór belleza:  
A arte!—é pura e sã, que eleva  
Dos sentimentos a nobreza,  
E d'alma humana esp'ança a treva,  
Amais da Arte a sã belleza,  
A Justiça, a Doçura, a Caridade—  
Sereis felizes—mocidade—  
Tereis do Bem toda grandeza.

A instrucção é uma ventura,  
A instrucção é um dom sem par;  
Oh! não cesseis de o adorar!  
Que vale a terra sem cultura?  
Amar as letras é ventura:  
Nellas se aprende tanto bem!  
Vós não podeis ficar aquém—  
Marchai! A estrada vai segura.

O' Mocidade nobre e bella,  
Meu coração se expande em vós...  
Poderse eu vos seguir após?!  
Mas, como a idade a dor regela!  
Em vós a vida é nova, é bella!  
Sereis ditosos—têde bons!—  
Da instrucção colhei os dons:  
Será brilhante a vossa estrella.

22-Junho-1902

U. G.

MEU SONHO

Mela noite... Horas de saudade o do enlelo, do silencios e de amores... Hora em que vi-te no desbrochar místico de um sonho, envolta nos mantos videntes da esperança e embalada pelas auras de uma juventude feliz... Tinhas a pallidez das nymphas solitarias nas paysagens longiquas das lendas orientaes. Teu corpo do-luia-se em balsamos de rosas, teus labios semilhavam-se à harpa de cherubins.

Sublime apparição nos momentos tranquilllos do meu sopino... Meu ser vagava docemente nos mares da alegria qual trafego barquinho no tenobroso flanco das ondinas verdes. Vi-te... e nas ardencias beneficadas da paixão mais pura, sustinha o coração jubiloso e palpitante, obrio de amor ante a magnificencia ineffavel do teu aspecto.

Foi talvez a expressão da amizade que me consagraas, a significação palpavel do teu amor virginal.

Um dia, quando nos beijos da esperanza, sorrir-nos alvicaireira a aurora da felicidade, unir-nos-emos sempiternamente entre benções e caricias de nossa estrella immortal.

O nosso enlace será a perpetua sa-gração de um amor ineffavelmente grande, illuminado pelos clarões da phantasia e envolto nas alvas do contentamento e do bem. Vae, mulher querida, nympha excelsa dos serenos lagos de Deus.

Vae... Meu peito, saudoso e ardente, volará por ti, nessa hora de saudade e de enleios, de silencios e de amores.

Julho-1902

Passet FIALHO  
*Fidelis*

Eterna dor

A's vezes, louca, n'um scismar perdida,  
Minh'alma triste vae vagando á toa...

CASIMIRO DE ABREU

Oh! vamos, minha nussa, affina as cordas da lyra que te deu a desventura;  
se d'este somno oh! filha, não accordas,  
quem me levará chorando á sepultura?

Oh! canta, filha, o *adieu del passato*,  
tu, que o Martyrio desposaste um dia...  
se vou morrer, se vou deixar-te, ingrato  
não me chames na ultima agonía...

A vida para mim é morte eterna  
é como um clarão frouxo de lanterna  
que se esvae sem uma aria de saudade.  
(de.)

E' uma sombra que desaparece  
sem lagrimas de amor, sem uma prece  
de compaixão, de dor, e caridade...

J. GALVÃO

*Melhor*

Perigrinos

.....  
—Sentemoz-nos, dizia Paulo a Leonor, á borda deste pequeno póço para recuperarmos as forças extraviadas pelo cansaço n'esta jornada formidavel.

E' ambos muito unidos, unidos pelos vigorosos laços do amor fraternal e pelas doces caricias de uma innocencia pura, sentam-se...

Sentados, depois de observarem pasmadamente o coaxar de algumas rãs que, destrahidas, brincam á flor da

limpida agua; o olhar aprasivel de alguns passaros que, passados nos ramos seccos das mortins, abranda as dores furiosas dos corações feridos pelo desespero; o licito saltitar de alguns insectos que na grama ras-teira e espessa habitam, clamam aos céos com os olhos molhados pelo orvalho do coração:—

—Quão infelizes somos nós!... Infelizes como avesinhas que ainda impumes são roubadas ao calor dos ninhos!...

E, acalmados pela doce aragem da tarde silenciosa e fresca que se findava adormeceram—e ambos, enlevados pelo somno da eternidade, muito unidos, unidos pelos vigorosos laços de um amor fraternal e pelas doces caricias de uma innocencia pura, foram entoar o hymno da bemaventurança na immensidade celestial.

VALENTIM DE SÁ

Sensamentos

Os poetas procuram o genio em remotas paragens, e elle está bem perto, está no coração—LAMARTINE.

\*. Os povos modernos, occupam-se muito da instrucção, que abre o espirito, e pouco da educação que fôrma o character—SÉOUR.

Teu Regresso

Fallar no teu regresso é ver minh'alma envolvida no véo da desventura,  
E' erguer d'agonia a cruel palma  
Dessa idéa que tanto me tortura.

Fogo a vida que sonho, fogo a calma  
Que mantinha na placida doçura:  
Todo goso se esparge de minh'alma  
Nessa hora que me enlaça na amar-gura.

Sei q' partes; porem quanto oscillando  
Por o verde barquinho sobre as vagas,  
Que todo o meu thesouro vai roubando

Não te esqueças do amor que hoje affa-  
Deste peito que fica derramando (ras,  
Mil soluços do dor por estas plagas

Antenor VASQUES

Para o Estado da Parahyba, onde vae residir, seguiu no dia 22 d'este mez o intelligente moço Joaquim Bezerra Cavalcanti—um dos mais estimaveis socios do nosso Gremio.

O nosso confrado soube impor-se, durante o periodo de sua convivencia entre nós, á nossa consideração já pela delicadeza e urbanidade de seu trato como pelo enthuasmo e criterio de suas opiniões.

## Morte e Vida

«A Vida é um morrer;» cruel verdade  
Que opprime a alma e enluta o coração.  
Quando a mente avarinha uma illusão  
Voz terrível nos diz: — realidade!

«A Vida é um morrer;» mas no infinito  
Um goso perennal se descortina  
Como os raios da estrela vespertina,  
Como o Anjo da fé puro e benedito.

Si tudo é fermentido n'este mundo,  
E não temos um iris de esperança,  
Si tudo é paru nós negro e profundo;

Nos resta a luz da crença tão querida  
De ter no Ceu o porto da bonança  
Por se «a vida é morrer;» a morte é vital

Arsú, 18 de Julho de 1902.

UMA ASSUENSE

## SONETO

( A' memoria de meu irmão )

Meu irmão, meu irmão ahi se eu pudesse  
Sempre chorar, chorar eternamente,  
Em tua campa poria reverente  
Uma corôa de flor que não tenece.

Da juventude a luz que não se esquece  
Que brilha luminosa, refulgente,  
Luz te fitando vorna siegremente  
Hoje, que elevo a Deus sublimo prece,

Si a flor q' emmurcheceu viverse agora,  
Mudando a treda noite em rosea aurora  
Luz a campa fria não mirasse...

Ah! de meu ser as flores já fanadas  
Le novo surgeriem perfumadas,  
E nem o orvalho, talvez as desfolhasse e.

Cyrilino PIMENTA

## A Fada do Mysterio

( 2 ) ( CONTINUAÇÃO )

Os effluvis de enthusiasmo do moço  
perdiam-se no espaço de suas medi-  
tações como um lençol de neve es-  
pilhado aos primeiros raios do sol.

— Falla, dizia elle, que teu si-  
lencio cahre sobre meu coração como  
uma chuva de fogo, como o sudario  
do morto... Não mates esse amor in-  
nocente que cria um futuro do  
prazeres indissolvels nascido ha pouco;  
deixa que eu sinta por um instante  
o halito quente e embalsamado do  
crepusculo que se levanta á tua pre-  
sepça, essa cerração de vapores que  
me offuscam a vista!

Não despedaces o cofre onde tenho  
aferroilhado o thesouro de minhas il-  
lusões idolatradas! Não calques aos  
pés as poucas flores que ainda emal-

## LE TEMPS

Le temps est immobile, et tout à tour puissant.  
Il n'est jamais compris, car il n'est sur la terre...  
Mais quand nous le sentons les jours nous enlevant  
Alors nous apprenons qu'il n'est qu'un grand mystère.

Oui; sont s'arrêter, mais son chemin faisant,  
Il accompagne toujours la vie tout entiere.  
Tantôt il nous parait de l'abstrait naissant,  
Tantôt il est très fort, et tout le monde atterre.

Il est un ravageur qui n'aime la violence.  
Ébranle l'univers comblé de son silence,  
Étant toujours le même et rien n'ayant été.

Nous porte à l'inconnu le but de son voyage.  
Pers-nne ne l'arrête, et dans son long passage  
Il accompagne Dieu et suit l'éternité.

Natal, Juillet 1902

Cyro TAVARES.

## SUR LA TABLE

*Oasis*. — Um periodico (e dem is...  
litterario) que conregue estampar em  
seu frontispicio os dizeres do *Oasi*:—  
Anno IX. Num. 157 — tem adquerido a  
n aior recommendação do sua contex-  
tura.

Que de sacrificios, que de odios o  
perseguições não contrahiram, porem,  
os abnegados moços do «Le M nde  
Marche» para dotarem o *Oasis* da es-  
timação do que actualmente goza...

O numero que temos ás mãos, sug-  
gerio-nos estas considerações que aqui  
estampamos, não como um elogio fô-  
fo e fufificado, mas como um elogio  
sincero, formal, de adeptos da mesma  
feita.

A Cidade. — Os ns. 22, 23 e 24 d'es-

ta folha aqum e, em re-  
tribuição do nosso po-  
derto jornalzinho.

Resta-nos, aqui, hy-  
pocneicar á *Cidade* a nos-  
sa gratidão e reconheci-  
mento pelos honrosos e  
lisonjeiros termos com  
que se referio á appa-  
ricção e recepção do nos-  
so ARTIGO ALBUM.

A *Idéa*. — O Instituto  
Litterario «2 de Julho»  
de Mossoró, acaba de  
jogar a luz da publici-  
dade este novo campeão  
da imprensa periodica.

De formato peque-  
no, o novo organ de-  
na em suas colunas  
uma serie de artigos  
concisos que deslham  
e nobilitam o seu con-  
tamen. — Desejamos ao  
collega que o publica o  
acolha benignamente o  
faça uma boa *idéa* das  
*idéas* d'A *Idéa*.

A *Gazetinha*. — Folha litteraria ho-  
bdomalarla que se publica em Forta-  
loza, Ceará.

A *Gazetinha* é um jornal de leitura  
variada, attractiva, que faz jus á com-  
petencia de seu redactor, como pode-  
mos verificar dos numeros 35, 36 e 37  
que temos *sur la table*.

Do sertão Santa Cruz, cingou no  
dia 11 de Julho o nosso caro o intel-  
ligente consocio Virgilio Vieira do  
Mello aonde fóra passar a deliciosa  
quadra do inverno.

Que o illustre collega venha dis-  
posto a defender a nobre causa que  
elle nobremente desposou, como sem-  
pre o tem feito.

tam o aromatisam a senda rude o  
espluhosa de minha vida!

Elle calou-se por um instante; exa-  
lou um d'esses suspiros longos, pro-  
fundos e indissolvels que relatam um  
passado luctuoso de sofrimentos, o  
continuou depois:

— Talvez não me acredites... não  
to farei juras, porque todas ellas men-  
tem; não me de-farei em protes-  
tos, porque todos elles se esquecem,  
não evocarei o futuro, porque o meu  
aqui na terra é um tumulo. Mas col-  
loca um pulgão tua mão sobre o meu  
peito e eu não te aceito...  
que não te posso replear que mentes.  
Quando se aperta a mão n'uma cratera  
a lava queima; sente-se a paixão  
n'uma fibra d'alma que palpita assim  
como se prevê a tempestade no fragor  
do oceano, como se advinha a morte  
na agonía do pádecente e como se  
admira á Deus na harmonia caden-  
ciosa dos astros!

E a virgem era a mesma em suas  
selvagens; sempre pensativa, silenci-  
osa e muda, como louca onde cabo  
compassada e sentida a lagrima quen-  
da saudade

— Falla, disse elle, depois de alguns  
momentos de silencio.

Quem sabe se o amor ainda não agi-  
tou com suas candidas azas a super-  
fície crystalina de tua alma.

Quem sabe se no casto santuario do  
tua imaginação ainda não brotou essa  
flor de sentimentos—o amor—cuja au-  
roma, embriaga ás vezes uns labios  
virgens de 15 annos, outras amargão  
como um trago de fél da taça do  
desespero! E não sabes um desengano  
o que faz é porque não avalias um a-  
mor quanto val,

( Continúa )